

GENTILEZA

Amostra

Gentileza

Copyright © 2023 Tordesilhas é um selo da Alaúde Editora Ltda, empresa do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © John Ajvide Lindqvist 2020

ISBN: 978-65-5568-088-1

Translated from original Vänligheten. ISBN: 978-91-7775-137-3. PORTUGUESE language edition published by Tordesilhas.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2023 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L747g Lindqvist, John Ajvide

Gentileza / John Ajvide Lindqvist ; traduzido por Guilherme Braga.
- Rio de Janeiro : Tordesilhas, 2023.
608 p. ; 15,7cm x 23cm.

Tradução de: VANLIGHETEN
ISBN: 978-65-5568-088-1

1. Literatura sueca. 2. Ficção. I. Braga, Guilherme. II. Título.

2023-3335

CDD 839.7

CDU 821.113.6

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura sueca 839.7
2. Literatura sueca 821.113.6

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutz

Gerência Comercial: Claudio Lima

Gerência Marketing: Andréa Guatiello

Assistente Editorial: Caroline David e Gabriela Paiva

Tradução: Guilherme Braga

Copidesque: Rafael de Oliveira

Revisão: Vinicius Barreto

Capa: Marcelli Ferreira

Diagramação: Rita Motta

GENTILEZA

Amostra

JOHN AJVIDE
LINDQVIST

TORDSILHAS
Rio de Janeiro, 2023

Amostra

*Para Jenny e Love
A vida se tornou mais divertida
desde que nos tornamos amigos.*

Um dia, há anos, quando passava por Norrtälje, tive vislumbres de gentileza, de repente. Dois trabalhadores da construção civil riam enquanto um dava tapinhas no ombro do outro, um carro parou para deixar alguém no meio-fio, uma porta foi travada para ajudar dois estranhos a entrarem em um ônibus com um carrinho de bebê.

Depois de experienciar esses vislumbres de gentileza, passei a encontrá-la onde quer que fosse. As pessoas fazem pequenas coisas umas pelas outras de maneira a simplificar a existência. Estendem a mão, oferecem ajuda para carregar ou mover um objeto, tiram um obstáculo do caminho.

A gentileza se esconde por trás das nossas ações e pode ser ouvida através de nossas palavras. “Bom fim de semana”, “tenha um bom dia”, “sucesso”, “se cuidem” são frases simples e descompromissadas, mas se originam de uma fonte de boa vontade. Eu quero que você fique bem, independentemente de quem seja.

Precisamos da gentileza e a praticamos como se fosse uma obviedade, sem nem pensar a respeito. São olhares que se encontram, sorrisos que se abrem, agradecimentos que se expressam. A gentileza é a nossa proteção contra a derrocada, e fazemos bem ao refletir sobre ela de vez em quando. Trata-se de uma coisa muito importante e ao mesmo tempo muito frágil. O que acontece quando a gentileza desaparece, e o que ocorre conosco nesse caso?

PRÓLOGO

20 DE SETEMBRO DE 2002

EU SOU UMA TEMPESTADE VINDA DE LUGAR NENHUM

1

Há uma menina em frente à biblioteca de Norrtälje. A menina se chama Siw Waern e tem treze anos. Ela olha para um lado e para o outro, para a frente e para trás, como se buscasse algo. Dá uns passos adiante e parece estar indo embora, mas de repente para, se vira e continua a olhar sem encontrar o que procura. Ela caminha no mesmo lugar e balança a cabeça. Parece ser menos uma questão de procurar e mais uma questão de *esperar*. Siw está à espera de uma coisa que pode chegar de qualquer direção.

Siw é uma menina especial e talvez devêssemos prestar atenção a ela, mesmo que não fosse pelo comportamento nervoso. Sua altura está um pouco abaixo da média, enquanto seu peso está um pouco acima da média. Seria um equívoco chamá-la de baixinha e gorducha, mas certamente há uma tendência nesse sentido. Seus cabelos têm comprimento médio, fios castanhos e uma franja que cobre seus olhos profundos. Suas bochechas redondas e seu queixo saliente lhe conferem a aparência geral de uma esquimó. Seria fácil imaginá-la vestida com trajes de couro de foca, segurando um arpão. Mas, em vez disso, ela veste um casaco preto de modelo antigo — um efeito que se torna ainda mais evidente graças à mochila amarelo-limão pendurada sobre um de seus ombros.

Nesse momento, ela está, mais uma vez, prestes a desistir. Siw pega o celular e olha o horário. São 15h43. Ela examina o café no lado de fora da biblioteca. Uma mãe com um carrinho de bebê toma chá numa das mesas, em outra, um jovem casal conversa animadamente. Um homem carregando uma bandeja atravessa a porta

com dificuldade. Siw dá de ombros, abre as mãos, guarda o telefone no bolso e simplesmente vai embora cantarolando a melodia de “*Visa vid vindens ängar*” [“*Mostrar nos prados do vento*”]. Não é bem o que se espera de uma menina de treze anos.

Mas, após dois passos, ela se detém. Um pequeno ônibus da Samhall chega em alta velocidade pela Billborgsgatan. O motorista está ocupado com o painel e o veículo se inclina quando passa em frente à locadora de vídeo. Siw se vira mais uma vez em direção ao café.

O homem com a bandeja conseguiu sair e, naquele instante, passou entre a mãe e o carrinho de bebê a caminho de uma mesa vaga. Ele se contorceu ao passar e, sem querer, bateu o quadril no carrinho de bebê. A mãe provavelmente havia esquecido de acionar a trava, porque aquele pequeno golpe fez o carrinho andar por conta própria. A roda da frente caiu em direção ao degrau mais alto do pequeno lance de três que leva ao deque, e quando a roda de trás a acompanhou, o carrinho acelerou para longe e para baixo.

A mãe ainda não havia visto nada, porque o corpo do homem obstruiu sua visão. O carrinho desce mais um degrau e acelera em direção à rua, por onde o ônibus da Samhall chega a, no mínimo, cinquenta quilômetros por hora. Dois objetos móveis estão em rota de colisão e o resultado seria trágico.

Só depois de o carrinho descer os três degraus e seguir deslizando pela calçada, a mãe conseguiu perceber o que acontecia. Seu rosto se contorceu como uma máscara de horror, e, em desespero, ela gritou. Ao se levantar, virou a mesa, porque sabia que era tarde demais. Que sua vida estava prestes a ser destruída.

A roda dianteira do carrinho acabara de descer o meio-fio quando Siw fechou a mão sobre o pegador. O ônibus da Samhall passou cinquenta centímetros à frente, fazendo com que a franja dela saísse de cima dos olhos arregalados e incrédulos.

A criança no carrinho chora. A mãe se aproxima em um choro histérico e abraça-a com tanta força que ela mal consegue respirar. Por cima do ombro da mulher, Siw vê o homem que havia esbarrado no carrinho imóvel, com as duas mãos apertadas contra a boca. A bandeja se encontra no chão. Siw pisca. Naquele instante, percebe que, em um nível bastante profundo, ela não é uma pessoa.

2

— Vamos! O que você tá olhando?

Max gesticula para Johan, que se afastou um pouco a fim de examinar melhor os degraus enferrujados que sobem pela lateral do silo. Johan indica um ponto a trinta metros de altura, mais ou menos no meio do caminho.

— Não tá meio solto ali?

Max para ao lado dele e, com a mão aberta, protege os olhos contra a luz do sol baixo. Quando termina de olhar, dá de ombros.

— E daí?

— Não é dos melhores, né? E se estiver solto?

— Não faz diferença, porque a gente tem isso aqui.

Max chacoalha o saco de tecido onde haviam agrupado objetos similares àqueles usados na prática de montanhismo, encontrados no depósito de ferramentas que havia no pátio de Max.

Cordas, mosquetões e cunhas. Johan coça o pescoço.

— Não sei, não.

— Merda! Se abaixa!

Uma van com o nome “Odalmannen” chega do cais do porto enquanto os meninos se escondem atrás de um armário de distribuição elétrica. Não é difícil imaginar que o que os dois estão prestes a fazer é proibido. Bastaria ler a placa amarela fixada na tela, sob a qual convenientemente há um buraco que permite a passagem de um corpo magro.

Tanto Max como Johan são magros. Fiapos, na verdade. Mesmo que já tenham completado treze anos, seus braços e suas pernas são finos como os das crianças pequenas, ainda que sejam altos. Johan mede 1,73 metros, Max 1,78 — e, por enquanto, nenhum deles terminou de crescer. Ambos com o mesmo rosto fino e sensível, cabelo loiro e corte no estilo “não tô nem aí”. Poderiam ser irmãos, salvo pelos olhos. Os olhos de Max são grandes e muito claros, quase transparentes, em especial quando refletem o azul do céu. Os olhos de Johan são comuns e castanhos, e por baixo deles há uma sombra causada por privação de sono. Eles eram melhores amigos desde a primeira série.

— Ou a gente faz isso, ou a gente não faz — diz Max assim que a van passa e então os dois, mais uma vez, se encontram ao pé dos degraus. — Pelo menos vou fazer isso.

— Tá bem, tá bem — diz Johan. — Mas não ponha a culpa em mim se a gente morrer.

Os dois amarram cordas ao redor da cintura. Como Max é quem entende de nós, é ele quem se encarrega dessa parte. Ao terminar, ele envolve uma argola e a prende a um mosquetão.

— Isso precisa ficar o tempo todo preso a um degrau acima da gente, tá? Assim, se o degrau em que a gente estiver apoiado ceder...

— E se o degrau em que o mosquetão está preso ceder?

Max encara Johan por tanto tempo que, no fim, Johan desvia o rosto.

— O que foi? O que você tá olhando?

— Você nunca quis estar morto?

— Já. Mas isso não significa que eu quero morrer.

— O que significa, então?

Johan deu de ombros.

— Que eu não quero viver.

— E como é que você pretende ao mesmo tempo não viver e não morrer? Você queria ser tipo um zumbi, por acaso?

— Vamos fazer isso agora?

— Claro.

Sem mais delongas, Max se aproxima da escada e sobe dez degraus antes de prender o mosquetão pela primeira vez. Johan fica no chão, observando o amigo.

Os dois tinham começado a falar sobre escalar um dos silos no porto de Norrtälje quando tinham dez anos, depois de ouvir histórias sobre colegas mais velhos que tinham feito isso. O assunto tinha surgido de vez em quando nos anos a seguir, sempre trazido por Max.

Max era o amigo mais destemido. Quando os dois brincavam no morro atrás da casa de Johan, em Glasmästarbacken, era Max quem trepava mais alto nas árvores, e também quem esteve prestes a cair do penhasco em direção à Tillfälligatan. Obteve um certificado de mergulhador aos doze anos, durante as férias tiradas com os pais nas Ilhas Maurício. Johan nunca havia saído da Suécia.

A contraluz transforma Max numa silhueta disforme conforme ele sobe a escada ao som metálico a cada troca do mosquetão de degrau. Johan sente o peso do mosquetão sobre a mão e suspira. E então se aproxima da escada.

O que ele teme não é que um degrau ceda, mas que a *escada inteira* se desprenda do silo e caia, levando-os junto e esmagando-os como moscas sob o enorme impacto daquele metal enferrujado. Depois de subir alguns degraus, Johan percebe que essa havia sido uma ideia equivocada. Um degrau quebrado seria pior.

Max vai à frente, como o responsável por testar a firmeza da estrutura. Se ocorrer um acidente, é bem mais provável que a vítima seja Max. Claro, ele pode cair em cima de Johan e, assim, talvez ambos se precipitem rumo à morte, mas não parece ser o mais provável. Se alguém morrer, vai ser o Max.

Johan sobe mais uns degraus. Está a apenas quinze metros do chão, mas, ainda assim, sente um frio na barriga ao olhar para baixo. Então, prende o mosquetão no degrau acima, que parece menos enferrujado.

— E aí? — grita Max lá de cima. — Como estão as coisas?

Johan haveria levantado o polegar se tivesse coragem de soltar a escada. Mas, em vez disso, ele gritou:

- Já te alcanço!
— Quer que eu espere?
— Não, não!

Johan não queria que Max visse o quanto ele suava frio. A superfície das mãos começara a grudar no metal áspero e enferrujado e sentir um tremor no peito. Johan continuou a subir e a nutrir o pensamento que havia começado há pouco tempo.

Se um de nós morrer, vai ser o Max.

Esse não era um pensamento bom. Na verdade, era um pensamento de merda. Se Max morresse, Johan não teria mais ninguém, salvo sua mãe louca. Não haveria companhia para ir ao morro nem para jogar videogame, com quem conversar ou alguém para entendê-lo. Em resumo, ele acabaria sozinho no mundo.

Nesse caso...

Nesse caso seria preferível que a escada caísse inteira e os dois fossem esmagados como moscas. É verdade que havia pensando muitas vezes e até dito que não queria viver devido a merdas que aconteciam em sua vida, mas não falava sério. Enquanto Max existisse, Johan conseguiria viver. Sem ele, não.

A quinze metros de altura, Johan fita, mais uma vez, o chão, não mais com muita certeza. Ele só deseja que aquilo acabe logo. Então, franze a testa contra o degrau à frente do rosto. O degrau parece *muito fino*, bem como o degrau em que ele apoia os pés. Aquelas hastes frágeis de metal são a única coisa que os protegem da queda, do impacto e das tripas espalhadas sobre o asfalto.

— Deus — balbuciou ele. — Deus, seu merda, faça com que a gente sobreviva, nós dois. Faz *alguma coisa* por mim, nem que seja uma vez, para que eu te odeie um pouco menos.

Ele fecha os olhos enquanto avança três, quatro, cinco, seis degraus. E então algo acontece. Dedos gelados se fecham ao redor dos seus pulmões e torcem-os como se fossem um pano de prato enquanto Johan sente que *alguma coisa o puxa para baixo*. Suas mãos se fecham com força ao redor do degrau em que se encontram, e, como medida desesperada de segurança, Johan morde o degrau mais próximo do rosto e aperta o corpo ao encontro da escada, como um cachorro maltratado que se recusa a largar o osso. E, em seguida, ele compreende. Ele se esqueceu de soltar o mosquetão, que, naquele momento, se encontrava preso a um degrau mais baixo e impedia-o de avançar.

As lágrimas despontam seus olhos, as mãos se recusam a relaxar e a respiração parece curta e arquejante. Se ele caísse daquela forma, o degrau a que o mosquetão está preso jamais aguentaria o impacto. Seria preciso descer para soltá-lo. Johan se obriga, então, a parar de morder o degrau, cospe farelos de ferrugem e olha para baixo.

A atração.

O que mais o assusta é o forte impulso de permitir que aconteça. Soltar as mãos e cair, se livrar para sempre dessa merda toda. Seria o fim das vigílias noturnas para impedir que a mãe saísse correndo pelada rua afora fazendo pregações, da sensação de angústia por achar que tudo estava virando um inferno e seu destino seria estar num orfanato, sozinho. Apenas caia, voe por um instante e deixe-os chorar, todos.

Porém, mesmo a realização desse pequeno projeto exige que ele primeiro desça e solte o mosquetão. Se, ao contrário do que parece, o degrau aguentar o impacto, pode ser que ele simplesmente quebre a coluna.

Mais acima, a voz de Max se anuncia.

— É enorme, não?

Naquele momento, Johan sentiu ódio do melhor amigo. Max o conhece e sabe as coisas pelas quais ele passa. Mas não deveria expô-lo àquele tipo de tentação. Ele deve ser insensível e ter um parafuso a menos, a não ser que... *a não ser que esse seja o plano.* Johan começa a choramingar e sente duas lágrimas escorrerem pelas bochechas. Talvez Max queira vê-lo morto. Ou talvez esteja cansado de perceber que Johan estende as visitas à sua casa para ver se fila um jantar, talvez esteja cansado de jogar Pokémon e de brincar no morro, como os dois ainda fazem quando não há ninguém nos arredores. Talvez Max queira se livrar dele e tenha escolhido aquela forma.

A tristeza se transforma numa fúria que o torna capaz de descer os quatro degraus necessários para soltar o mosquetão.

— Ficou com medo, então? — pergunta Max.

— Não! — grita Johan, que em seguida volta ao ponto onde estava quando levou o susto e prende o mosquetão acima da cabeça.

Não! Não mesmo!

— Escute! — grita Max. — Não tem problema nenhum com a escada por aqui. Ela só tá meio torta.

Johan afasta os pensamentos idiotas. É uma loucura que Max o esteja submetendo àquilo tudo, mas dificilmente o objetivo seria acabar com sua vida. Além do mais, Max ficaria mal caso Johan morresse. A despeito do baixo valor que se dava, Johan sabia que a morte de um adolescente aos treze anos era um acontecimento importante. No mínimo, ele apareceria na capa do *Norrtelje Tidning*. Haveria interrogatórios de polícia, agitação popular. Ele olha para baixo e a tentação está lá, sob outra forma. Toda a cidade falaria a respeito dele.

Não! Não e NÃO!

Max havia falado sobre a condição da escada, e então chegou ao ponto que Johan observara ainda no chão. No meio do caminho. Ainda faltava um bom caminho a

percorrer, mas era para lá que ele deveria ir. Porém, ele, Johan Andersson, não consegue, e por isso seria preciso ser um outro personagem, como... um *Uruk-hai*!

Muitas das brincadeiras que ele e Max haviam criado ao longo dos anos eram inspiradas em *O senhor dos anéis*. Eles leram os livros e assistiram ao filme, e mal poderiam esperar até que o próximo fosse lançado. Já brincaram de elfos, hobbits, feiticeiros e Gollum, mas, acima de tudo, de orcs. A simplicidade rústica daquelas criaturas é fascinante.

No inverno anterior, durante uma competição escolar de esqui, Johan e Max quase desistiram. Não eram muito bem-treinados e nem estavam habituados a andar de esqui, então quando faltavam três quilômetros da rodada de cinco quilômetros, estiveram prestes a entregar os pontos. Foi quando Johan cochichou para Max:

— Nós somos guerreiros Uruk-hai.

Max abriu um sorriso e começou a movimentar os bastões com gestos mecânicos, esquiando decididamente como um orc, sem pensar em mais nada. E, assim, os dois aceleraram enquanto às vezes proferiam um ao outro palavras como “Matar” e “Destruir”, e, por fim, cruzaram a linha de chegada com um ótimo tempo.

Eu sou um guerreiro Uruk-hai.

Johan esvazia os pensamentos e à sua frente não vê nada além dos pequenos e saborosos hobbits que montaram um acampamento no topo do silo acreditando que lá estariam seguros. Chegar até lá. Bater. Matar. Ele rosna e arrasta o pesado corpo de orc para cima. Na boca, sente ainda o gosto de ferrugem — o que é bom, porque aquilo se parece com o gosto de sangue. É uma grande sede de sangue que aparece de repente. Suculento, saboroso.

Johan continua subindo como um guerreiro Uruk-hai. A cada vez que prende o mosquetão, resmunga com o desprezo que sente por aquela invenção humana a que se submete. Sem pensar sobre nada além de orcs, ele logo chega ao ponto em que a escada se entorta para a direita.

— Porra, você acelerou de repente — disse Max a poucos metros, pouco antes de Johan olhar para cima.

Max havia tirado uma das mãos da escada para inclinar o corpo e ter uma visão melhor do que estava embaixo. Johan sentiu um frio na barriga a ponto de quase perder a fantasia, mas não pôde se dar ao luxo, então rangeu os dentes e rosno:

— Eu sou um guerreiro Uruk-hai.

Max franze as sobrancelhas e abre um sorriso ambíguo e um pouco condescendente. Johan não tinha a intenção de falar aquilo, mas as palavras simplesmente escaparam. Foi tomado pelo momento. Max é seis meses mais velho do que ele. Talvez não seja tanto essa diferença, mas o temperamento e a necessidade; o fato é

que Max começou a deixar para trás aquele mundo construído por ambos ao longo de sete anos.

Johan tem um dilema insolúvel nas mãos. Por um lado, tem um desejo ardente por crescer, sair do apartamento e de toda a atmosfera sufocante criada pela loucura imprevisível da mãe. Por outro lado, não queria abandonar a fantasia e assumir deveres intrínsecos à vida adulta. A solução mais fácil seria se tornar um perturbado mental, como um dia ele talvez se tornasse.

Max continua a subir e Johan abafa uma risada. Se Max quer tanto se tornar um adulto chato, problema dele. Johan continuará sendo um guerreiro Uruk-hai até que Aragorn lhe corte a cabeça.

Aragorn!

Será que aquele *demônio* está lá em cima junto com os hobbits? Nesse caso, estaria mais do que na hora de vingar o sangue orc que aquele meio-elfo maldito havia derramado! Avante, avante!

A fantasia de Johan o acompanha durante quase todo o trajeto. Ele não olha para baixo, tampouco pensa em quem é, simplesmente vê os degraus passarem em frente aos olhos amarelos de orc e mexe as mãos e o mosquetão de forma mecânica enquanto pensa obstinadamente em uma vingança sangrenta. Falta pouco mais de três metros para chegar ao topo quando Max some de vista e solta uma sonora gargalhada. Não é uma risada de triunfo por ter chegado ao fim da empreitada, mas uma coisa muito distinta. O que pode haver de tão engraçado lá em cima? As possibilidades interrompem a fantasia de Johan e fazem com que aquilo cesse.

Eu sou um guerreiro... eu estou... numa escada que a qualquer momento pode se desprender e cair.

É *naquele ponto* que tudo acontecerá, quando ele estiver mais próximo do topo, para que o mata-moscas o acerte com a maior força possível. Meu Deus, será preciso retirá-lo do chão com uma pá! As mãos tremem enquanto a altura da queda se abre em seu estômago como uma dor lancinante. Johan contrai as nádegas. Depois de chegar tão longe, ele não poderia terminar se cagando nas calças.

Max diz alguma coisa lá no alto, mas Johan não consegue entender.

Ele toma fôlego e pensa: *Três metros. Dez degraus. Você consegue.* E de um jeito ou de outro Johan realmente consegue, mas ao chegar lá em cima, cai de barriga contra aquela deliciosa e maravilhosa superfície horizontal. A cabeça gira com a vertigem e, no meio da confusão, ele imagina ouvir mais uma voz, que parece vagamente familiar.

— Você é um cara diferenciado — diz Max.

O que significa isso? Para Johan, o desafio deve ter sido maior, porque estava bem mais apavorado, mas, por acaso, esse é o tipo de coisa que Max apreciaria? Johan levanta a cabeça.

Uma grade de metal contorna a parte externa do telhado, ainda mais enferrujado que a escada. E ao lado, com as pernas balançando sobre a borda, está Marko. Foi com ele que Max falou. Ele que é um cara diferenciado.

Marko entrou para a turma deles na volta das férias de verão e, portanto, está na escola há pouco mais de um mês. Ele é da Bósnia e mora na Suécia há dois anos. A família se mudara há pouco para Norrtälje. Apesar de o acaso direcionar a família a Glasmästarbacken, não muitas portas do apartamento de Johan, ele nunca havia feito mais do que dizer “Olá” para Marko e acenar com a cabeça para o pai dele, que muitas vezes ia à sacada para fumar. Mas, naquele instante, Marko estava sentado no alto do silo, como alguém esperando pelo ônibus, tranquilo e calmo.

— Você ouviu? — pergunta Max a Johan — O Marko sobe aqui tipo *todos os dias*. Ele simplesmente sobe os degraus, enquanto a gente chegou aqui com todos esses apetrechos de *alpinismo*.

Max solta mais uma gargalhada e Marko sorri. Johan entende que, na teoria, aquele é um comentário engraçado, mas o riso não é a reação mais próxima da emoção sentida naquele momento, e poderia facilmente se transformar em vômito — então ele apenas faz um gesto afirmativo com a cabeça. Não é certo que ele consiga se aguentar de pé. Só naquele instante Max parece notar a situação e, em resposta, se agacha ao seu lado.

— Como você tá? — pergunta ele. — Foi muito assustador?

— Foi — responde Johan. — Assustador pra caramba.

— Também achei. Senti um medo da porra.

— Não parece.

— Você sabe como eu sou.

Era verdade, Johan sabia. Max tem um bom relacionamento com os pais, mas, ainda assim, diz que não quer ser como o pai. Apesar disso, os dois são muito parecidos. Graças à disciplina e ao trabalho duro — como ele adora dizer —, o pai foi de montador de andaime a vice-diretor executivo em uma construtora razoavelmente grande e se tornou uma das vinte pessoas mais ricas em Norrtälje. Ele aparece anualmente na lista do jornal.

Essa disciplina pode ser notada até na forma de manifestar os próprios sentimentos, pelo menos aqueles que são expressos. É preciso muito para que o pai de Max revele sentimentos através de expressões faciais. Quando está bravo de verdade, simplesmente torce o nariz, e então tudo está acabado. De muitas formas, Max também é assim — mas, ao contrário do pai, ele, ao menos, sabe dar risada.

— É — diz Johan. — Eu sei como você é.

— Você consegue se levantar?

— Pra ser bem sincero, não sei.